

A TÉCNICA DO ESPELHAMENTO EVOLUTIVO E A DOCÊNCIA CONSCIENCIOLÓGICA

The Evolutionary Mirroring Technique and Conscientiological Teaching

Eliana Manfroi

RESUMO. O artigo apresenta a *técnica do espelhamento evolutivo* relacionando-a com a docência conscienciológica. O método de investigação é a autopesquisa de campo parapedagógico e pesquisa bibliográfica complementar. A vivência da autora, como discente e docente de Conscienciologia há quase duas décadas, reforça a hipótese da *força didática do exemplo* e do esclarecimento com base na experiência pessoal, qual *espelho evolutivo*. A autoimagem real é condição para um *espelhamento* sem distorções, favorecendo a tarefa. Propõe etapas da *desoma* da autoimagem idealizada, a partir da experiência da autora e observada em outros *companheiros evolutivos*, em analogia à teoria de Kübler-Ross (1991) sobre a reação dos pacientes terminais perante a morte iminente: negação, raiva, barganha, depressão, aceitação e mudança. Apresenta ainda taxologia de distorções na autopercepção, dificultadoras de um *espelhamento evolutivo* eficaz.

Palavras-chave: docência, espelhamento evolutivo, exemplarismo, autoimagem distorcida.

ABSTRACT. The article presents the *evolutionary mirroring technique* relating it to conscientiological teaching. The investigation method was the parapedagogical field self-research and supplementary bibliographical research. The author's experience, as a student and a teacher of Conscienciology for almost two decades, reinforces the hypothesis of the *didactic power of the example* and the clarification based on personal experiences, as an *evolutionary mirror*. The real self-image is the condition for a *mirroring* with no distortions, favoring the clarification task. It proposes the stages of the idealized self-image *desoma*, from the author's and other evolutionary *fellow passengers'* experiences observed, analogous to the theory of Kübler-Ross (1991) on the reaction of terminally ill patients toward the imminent death: denial, anger, bargaining, depression, acceptance and change. It also presents the taxology of the distortions in self-perception, which make it difficult to have an effective *evolutionary mirroring*.

Keywords: teaching, evolutionary mirroring, exemplarism, distorted self-image.

“Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos”
(John Berger, 1999).

1 INTRODUÇÃO

A vivência da autora como docente no Paradigma Consciencial, por duas décadas, vem oportunizando a experimentação de variadas estratégias parapedagógicas, entre elas as baseadas no exemplarismo e nas autossuperações, tanto pessoais como de outras consciências. O interesse em pesquisar o tema do espelhamento evolutivo surge em paralelo com a investigação sobre a *resiliência exemplarista*, quando consciências autossuperadoras de eventos críticos tornam-se didaticamente interassistências, notadamente através da tares gráfica.

A apresentação da *técnica do espelhamento evolutivo* e suas correlações, como recurso didático e paradidático de ponta, é o principal objetivo do presente artigo.

O método utilizado é o da autopesquisa de campo parapedagógico, através da vivência em *sala de aula multidimensional*, como docente e discente da Conscienciologia. A pesquisa bibliográfica contextualiza os dados coletados na vivência pessoal. Os instrumentos de pesquisa são os diários de campo da autora, compostos de registros sistemáticos da autopesquisa e das atividades de ensino-aprendizagem.

O texto inicia com a definição da *técnica do espelhamento evolutivo*, seguindo-se interlocução do tema com autores que trouxeram a relação *espelho-autoconhecimento* em suas teorias psicológicas e na neurociência. A temática é ampliada com as contribuições da ciência Conscienciologia, notadamente o conceito de exemplarismo.

Na sequência, é proposta a relação entre as reações identificadas por Kübler-Ross (1991) em pacientes terminais, e os comportamentos apresentados perante a des soma da autoimagem distorcida, condição necessária para a eficácia da aplicação da *técnica do espelhamento evolutivo*. Encerrando a argumentação é proposta taxologia de distorções na autopercepção.

2 DESENVOLVIMENTO

Definição. A *técnica do espelhamento evolutivo* é a atitude homeostática da consciência auto-pesquisadora, tomando para si, ao modo de espelho refletor, comportamentos, manifestações, posicionamentos e exemplos alheios, através da autoquestionologia inevitável: *e eu, como me posiciono em relação a esta questão? Já consigo lidar com este desafio? Já superei este traço-fardo? Já conquistei este trafor?*

Sinonímia. 1. *Espelho evolutivo*. 2. Técnica ortomimética. 3. *Princípio do exemplarismo pessoal*.

Antonímia. 1. *Prova do orgulho*. 2. Postura antirreflexa. 3. Narcisismo antievolutivo.

Docente. O professor-reeducador consciencial torna-se uma superfície refletora, tal como um espelho, por meio de seu exemplarismo e reciclagens intraconscienciais.

História. O artefato *espelho* é quase tão antigo quanto à civilização humana e por milênios tem sido objeto gerador de analogias, metáforas, estórias e, símbolo do autoconhecimento. A madrasta malvada de *Branca de Neve e os Sete Anões*, conto de fadas dos Irmãos Grimm, é um exemplo, quando reporta ao *espelho mágico*, o poder sobre sua autoimagem e decisões. É provável que o primeiro espelho a refletir uma imagem humana tenha sido uma superfície de água calma e limpa.

Egito. Os primeiros espelhos eram feitos de cobre e foram encontrados no Egito, cerca de 3.000 anos a.e.c. Também na Grécia e em Roma, os espelhos de bronze ornavam as casas mais abastadas.

Veneza. O espelho de fundo metálico e superfície lisa, utilizado até hoje, foi criado na cidade de Murano, próxima à Veneza, Itália, por volta do Século XIV. Os espelhos venezianos eram famosos em toda Europa.

Versailles. Os espelhos eram objetos de luxo com alto valor de mercado. Na França eram símbolo de *status* e sofisticação, tomados como verdadeiras obras de arte. Os famosos espelhos venezianos eram tão valiosos quanto pinturas de artistas renomados e foram *objeto de desejo* do rei francês Luís XIV (1638-1715). O Palácio de Versailles, em Paris, casa de veraneio do soberano, abriga a *Sala dos Espelhos*, com 306 painéis. É notória a associação deste monarca à vaidade, futilidade e exacerbação egóica.

Narciso. A própria imagem refletida na água inspirou a mitologia grega a criar o mito de *Narciso*, apaixonado pela própria imagem refletida em um rio, ignorando tratar-se dele próprio (JULIEN, 2005).

Psicologia. O espelho tem sido utilizado pela psicologia como analogia a processos de autoconhecimento e de construção do *self*. Nas faculdades de psicologia é comum encontrar-se a sala de espelhos, permitindo que professores e alunos acompanhem atendimentos a indivíduos ou grupos, sem serem vistos. Trata-se de técnica pedagógica precedida pela prévia autorização dos pacientes que são observados.

Familiar. Também na terapia familiar é usual a utilização de sala de espelhos, quando um dos terapeutas acompanha a sessão atrás do espelho e intervém sempre que considera necessário.

Narcisismo. Sigmund Freud (1856-1939), propositor da psicanálise, utilizou o termo *narcisismo* em 1910, com base no mito, referindo-se ao autoinvestimento afetivo. A escola psicanalítica enfatiza que este comportamento tem facetas sadias, denotadoras de autoestima, em alguns casos, enquanto em outros, evidencia franca psicopatologia.

Psicopatologia. O transtorno de personalidade narcisista é associado a indivíduos arrogantes, presunçosos, sensíveis às heterocríticas e excessivamente preocupados com a aparência. Segundo Gabbard (1992, p. 276), exigem constante atenção e admiração, buscando aplausos e reconhecimento público. Possuem baixa capacidade de empatia e de cooperação fraterna.

Empatia. O narcisismo tem como característica a ausência da capacidade de entrar em sintonia com outra pessoa e colocar-se em seu lugar, a empatia. Esta falta de vínculo resulta da falha no processo de *espelhamento evolutivo*, quando a consciência, assim como o mito grego, só consegue ver a si mesmo, sem autocrítica, em todos os *espelhos* experienciais nos quais se olha.

Vazio. O filósofo francês Gilles Lipovetsky (1944-) tem sido um crítico ardoroso do que ele denomina a *era do vazio* (2005, p. 31), que tem no *neonarcisismo* sua principal estratégia. Para o autor, o autoinvestimento narcísico é a nova tecnologia de controle suave, promovendo o esvaziamento das questões sociais e existenciais básicas.

Hiperinvestimento. Lipovetsky caracteriza o *hiperinvestimento* narcísico da contemporaneidade como um *espelho vazio*, onde Narciso nem imagem tem, esvaziado de sua identidade. O filósofo aponta a superficialidade, descartabilidade, consumismo e o vazio existencial do indi-

víduo contemporâneo, como as marcas da sociedade. Sustenta, em síntese, a ausência de *exemplos* a serem copiados, espelhados.

Imitação. Jean Piaget (1896-1980) ao propor os estágios do desenvolvimento da cognição infantil, já fazia referência ao aprendizado através da imitação, com base no espelhamento, quando a criança pequena imita expressões faciais da mãe, cuidadores e de outras crianças. A estratégia é também utilizada em etapas posteriores da maturação cognitiva.

Neurociência. Neurocientistas identificaram os *neurônios-espelho* no cérebro humano, ativados quando alguém observa a ação de outra pessoa. Os *neurônios-espelho* permitem não apenas a compreensão direta das ações dos outros, mas também das suas intenções, o significado social de seu comportamento e das suas emoções (LAMEIRA, GAWRYSZEWSKI & PEREIRA JR., 2006, p. 129).

Empatia. As emoções também podem ser espelhadas, segundo as pesquisas com os *neurônios-espelho*, constituindo-se na base neurológica da *empatia*, uma das chaves do comportamento e da socialização humanas.

Cultura. De acordo com Rizzolatti e Craighero (2006 *apud* LAMEIRA, GAWRYSZEWSKI & PEREIRA JR., 2006) também somos capazes de aprender através da imitação e essa faculdade é a base da cultura humana.

Autismo. Crianças com autismo têm grande dificuldade para se expressar, compreender e imitar sentimentos como medo, alegria ou tristeza. Seu comportamento é de fecharem-se num mundo particular e acabam desenvolvendo graves déficits de socialização e aprendizado. O comportamento autista é pesquisado como falha do sistema de *neurônios-espelho* (LAMEIRA, GAWRYSZEWSKI & PEREIRA JR., op. cit., p. 130).

Espelho. O psicanalista inglês Donald Winnicott, (1896-1971) sugere que o rosto da mãe é o primeiro espelho da criança, contribuindo para a aquisição de identidade pessoal e influenciando a construção da autoimagem. Para Winnicott, o acolhimento e a sustentação de cuidados *suficientemente bons*, determinarão a construção de um traço pessoal que irá influenciar o indivíduo por toda vida, denominado *confiança básica*.

Lacan. *O Estádio do Espelho*, proposto pelo psicanalista francês Jacques Lacan (1901-1981) reflete o momento no qual a criança olha-se em superfície refletora e descobre a imagem de si mesmo, entre o 6º e 18º meses. Esta identificação é a “matriz simbólica” da forma primordial de uma primeira estruturação do eu, segundo a concepção lacaniana.

Arquétipos. Carl Gustav Jung (1875-1961) introduziu a teoria dos arquétipos, como padrões psíquicos universais de experiências e comportamentos humanos, através de mitos, lendas e contos de fadas. As imagens arquetípicas são exemplos de figuras modelares, exemplares, da *psiquê* humana e do inconsciente coletivo.

Psicodrama. Jacoby-Lévy Moreno (1896-1974), propositor da Sociometria, utilizava o *jogo do espelho*, como uma das técnicas do psicodrama, terapêutica de exploração dos conflitos e conteúdos da personalidade, utilizando o jogo dramático de cenas teatrais.

Exemplarismo. Vieira (1934-) amplia as concepções anteriores trazendo o *Princípio do Exemplarismo Pessoal* (PEP), como a condição evoluída de se viver dando exemplos de maturidade consciencial em todas as áreas de manifestação pensênica (2010, p. 5713).

Evolutiva. A postura de a consciência intrafísica observar atentamente quem está acima na escala evolutiva e procurar copiar sua teática, é denominada por Vieira (2010, p. 3716) de *imitação evolutiva*. Trata-se da ortomimese.

Autexemplificação. Considerada pedagogia espontânea, a autexemplificação é inevitável na convivência interconsciencial (VIEIRA, 2010, p. 919). A diferença está em tornar-se *conscin-cobaia* consciente, principalmente para o *docente-espelho* da Conscienciologia.

Paradidática. Aprender através dos bons exemplos alheios tem sido técnica da Parapedagogia, no Paradigma Consciencial. Trata-se de uma das principais ferramentas parapedagógicas, quando os docentes são teáticos em suas abordagens.

Autopesquisa. A vivência da autora, como discente e docente de Conscienciologia há quase duas décadas, tem permitido a comprovação da hipótese da *força didática do exemplo* e do esclarecimento proporcionado pelo professor ou professora, quando expõe com base em sua experiência pessoal, qual *espelho evolutivo*.

Silencioso. Por vezes, não é necessário que o docente explique qualquer conteúdo. Bastam a força presencial e autoridade moral para formar o campo parapedagógico, favorável à tares.

Paradoxo. Vale ressaltar a condição paradoxal do professor, quanto mais egocida, maior é sua força presencial e exemplarismo.

Cobaia. O professor verbaciologista atua ao modo de conscin-cobaia voluntária, colocando-se na condição de autexposição permanente. Na *sala de aula multidimensional*, a teática do docente, ou sua falta, é ampliada tal qual lâmina sob o microscópio potente. Não se trata de exemplificar apenas o que deu certo, mas também erros e omissões deficitárias.

Exemplologia. Considerada por Vieira (2010) como a *Ciência da reeducação integral modelar*, a exemplologia é tema a ser pesquisado, aprofundado e vivenciado por todo docente lúcido.

Código. O docente constrói seu *Código de Exemplarismo Pessoal* (CEP), baseado em suas autossuperações e reciclagens. Sua teática do *binômio resiliência-exemplarismo* é o esteio de sua autoridade moral e da condição de espelhamento evolutivo.

Resiliente. O *binômio resiliência-exemplarismo* é a capacidade, qualidade, atributo, característica ou traço-força (*trafor*) da conscin resiliente, aplicando os efeitos do exemplarismo pessoal a partir das autossuperações de adversidades e *tombos* existenciais enquanto instrumento interassistencial da tarefa do esclarecimento (*tares*).

Neossinapses. Vieira (2010, p. 3171) refere que há produção de neossinapses a partir da observação das condutas exemplares. Infere-se a ocorrência do mesmo processo no discente conscienciológico frente ao *docente-espelho* exemplarista. Esta hipótese encontra eco nas teorias de Piaget e Winnicott.

Conscienciometria. Recurso autorreeducacional, por excelência, a técnica proposta por Vieira, através do livro *Conscienciograma*, é ferramenta útil a todo *docente-espelho* lúcido acerca da importância em mapear o autoconceito sem distorções.

Autoimagem. A construção de uma autoimagem realista é condição primordial para as reciclagens e mudança de patamar evolutivo, a partir de autenfrentamentos renovadores.

Etapas. Na autopesquisa, a autora buscou na autoconscienciometria a construção de uma autoimagem mais fidedigna, percebendo, neste percurso, etapas comportamentais identificadas em si e outras consciências, relativas à aceitação da *imagem real*.

Dessoma. A aceitação da autopercepção fidedigna e a desconstrução do autoconceito distorcido é um exercício de desapego. As etapas apontadas pela psiquiatra Elisabeth Kübler-Ross (1926-2004), observada em pacientes terminais, podem ser relacionadas à sequência de reações holossomáticas relativas à dessoma da autopercepção. São elas, em ordem de ocorrência:

1. **Negação.** Faz *vistas grossas* às autocorrupções e autossabotagens. Não aceitação do que lhe devolve o *espelho* da autoconscienciometria: “*não sou assim. Essas pessoas não me conhecem, estão enganadas*”.
2. **Raiva.** Nesta etapa, emerge o surto de imaturidade, quando a consciência faz *birra*, e projeta nos passageiros evolutivos a responsabilidade pelas suas manifestações.
3. **Barganha.** A imagem real tornar-se *moeda de troca* e de chantagem emocional na autovitimização: “*mas tenho razão em ser assim, pois me aconteceu tal fato*”.
4. **Depressão.** Não podendo mais negar, para si mesma, sua realidade, sente culpa, frustração e pode até deprimir-se: “*não sei fazer nada certo; sou um fracasso*”.
5. **Aceitação.** Cansada de *manter a pose* e a energia drenada para manter a *fachada*, aceita sua manifestação consciencial, desdramatizando a imagem real e entrando em crise de crescimento. *Joga a toalha*: “*não somos tão bons como pensamos. Estou assim, mas posso mudar esta condição.*”
6. **Mudança.** Com o uso da racionalidade, autenfrentamento e maior autodiscernimento, programa suas reciclagens, potencializa trafores, erradica trafores e busca trafores.

Reflexão. Quanto mais lisa a superfície de um espelho, maior sua capacidade de refletir luz e as imagens nele projetadas, com fidedignidade. Em analogia com o *docente-espelho*, quanto menos *pontos-cegos* a consciência tiver em relação a si mesma, maior abertismo terá para acolher as necessidades dos discentes e refletir seu exemplarismo, sem distorções.

Taxologia. A construção de uma autoimagem protetora objetiva preservar a consciência de autenfrentamentos e reciclagens, caracterizando franca autocorrupção. Eis, a seguir, em ordem alfabética 4 tipos de distorções levantadas pela autora no estudo da casuística pessoal, dificultadoras da eficácia da técnica do *espelhamento evolutivo*:

1. **Distorção cognitiva.** Ideias e conceitos malaprendidos, gerando desinformação. Adapta a cognição da realidade encaixando nas suas pré-concepções.
2. **Distorção interativa.** A autoimagem deformada e a pouca autoexposição leva a consciência a ser vista como superficial e distante nas interrelações. Por outro lado, sente-se excluída dos grupos nos quais convive.
3. **Distorção perceptiva.** A percepção se torna seletiva, filtrando aspectos que confirmem seus apriorismos, notadamente sobre sua autopercepção.
4. **Distorção trafaística.** A visão trafaística predominante leva a consciência a utilizar *lentes cinza*, para ver a si mesma e os passageiros evolutivos, carregando nos traços-fardos e dificultando a identificação dos traços-força.

3 CONCLUSÕES PRELIMINARES

Autexposição. A docência conscienciológica é essencialmente uma atividade de autexposição, onde o professor-autopesquisador se coloca tal qual *espelho* aos discentes, com a força didática de seu exemplarismo. A este movimento reflexo, a autora denomina de *técnica do espelha-*

mento evolutivo. O artefato humano “*espelho*” tem inspirado histórias, mitos e teorias sobre o comportamento humano há séculos.

Código. O *docente-espelho*, verbaciologista, atua ao modo de conscin-cobaia voluntária, em autexposição permanente na *sala de aula multidimensional*, exemplificando tanto acertos como erros, e construindo seu *Código de Exemplarismo Pessoal* (CEP), baseado em autossuperações e reciclagens.

Tares. A construção de uma autoimagem real é condição para um *espelhamento* sem distorções do docente parapedagógico, favorecendo a tares. A autoconscienciometria tem sido para a autora técnica eficiente para desconstruir a autoimagem distorcida. Quanto menos *pontos-cegos* o *docente-espelho* apresentar, maior abertismo terá para acolher as necessidades dos discentes e refletir seu exemplarismo, sem distorções.

Analogia. As etapas da *dessoma* da autoimagem idealizada, a partir da experiência da autora e observada em colegas, alguns deles docentes, levaram a proposição de analogia à teoria de Kübler-Ross (1991) das fases reativas dos pacientes terminais perante a morte iminente: negação, raiva, barganha, depressão, aceitação e mudança.

Distorções. Mapear as distorções que levam a consciência a não refletir com fidedignidade sua realidade intraconscienical e superar os *pontos cegos* da autoimagem, é condição essencial ao *docente-espelho-exemplarista*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- GABBARD, Glen. **Psiquiatria psicodinâmica na prática clínica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992; p. 276.
- JULIEN, Nadia. **Dicionário Rideel de Mitologia**. São Paulo: Rideel, 2005; p. 153 e 173.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. Martins Fontes: São Paulo, 1991; p. 49-119.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A Era do Vazio: Ensaio sobre o Individualismo Contemporâneo**. Manole: Barueri, 2005; p. 31-58.
- LAMEIRA, Allan Pablo; GAWRYSZEWSKI, Luiz de Gonzaga; PEREIRA JR., Antônio. **Neurônios espelho**. Psicologia USP, São Paulo, v. 17, n. 4, 2006; p.123-133.
- MOREL, Pierre. **Dicionário biográfico psi**. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1997.
- VIEIRA, Waldo. **Conscienciograma: Técnica de Avaliação da Consciência Integral**. Instituto Internacional de Projeiologia; Rio de Janeiro: 1996; páginas 110 e 111.
- _____. **Enciclopédia da Conscienciologia**. 6. Ed. Foz do Iguaçu: Editares, 2010. CD-ROM. Produzida por Associação Internacional Editares e CEAEC; p. 919, 3166, 3171, 3175, 3716, 5713, 7025.

Eliana Manfroi é jornalista e psicóloga. Mestre em psicologia clínica. Experiência profissional em saúde coletiva e docência universitária. Voluntária da Conscienciologia desde 1989 e docente desde 1991. Atualmente é voluntária do CEAEC e do Programa Amigos da Enciclopédia. E-mail: emanfroi@uol.com.br